

# Reciprocidade e Confiança em Contextos de Escassez: O Caso do Blat\*

Rafael Marques\*\*

## Resumo

Os mecanismos sociais associados ao capital social e à confiança têm merecido uma atenção crescente no campo da Sociologia Económica. O *blat* russo é aqui analisado como uma relação pessoal que envolve troca de favores e de bens que se instala em economias de escassa ou nula monetarização. O *blat* é uma forma impura de transacção que se situa entre o dom e a troca; entre a alienabilidade total e a inalienabilidade absoluta; entre a reciprocidade memorial e o mercado e entre a reprodução social e a reprodução das coisas. O acesso privilegiado a bens e a serviços é o recurso fundamental da cadeia de *blat*, operando à custa das instituições estatais e não dos indivíduos. O *blat* não envolve apenas díades relacionais, antes tendendo a constituir redes sociais e cadeias circulares de troca incrustadas numa economia de escassez e de racionamento.

**Palavras-chave:** Reciprocidade, Confiança, Capital Social, Blat.

Não aceitamos subornos, mas aceitamos provas de gratidão.  
Ditado popular russo, citado em Kelly (2000: 65)

## Introdução: O que é o Blat?

Os temas do capital social, da reciprocidade e da confiança têm merecido uma importância crescente ao longo dos últimos anos. O *cultural turn* das ciências sociais, o desenvolvimento inesperado de economias anteriormente periféricas, o

---

\* Este texto foi escrito com o apoio da Fundação para a ciência e Tecnologia - projecto POCTI/SOC/47666/2002 - “Sociedade de Confiança: a Construção Social da Confiança em Portugal”.

\*\* Instituto Superior de Economia e Gestão e Socius – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações.

fascínio por variáveis que contrariam as previsões ocidentais têm levado muitos teóricos a concentrarem-se no estudo de práticas informais que parecem caracterizar os sistemas sociais dos países que fazem a sua transição para o capitalismo. A esse nível, o *blat* é uma referência constante. Prática russa de marcação temporal indefinida, o *blat* teve um desenvolvimento muito significativo durante os mais de 70 anos de regime soviético e foi particularmente nítido durante a era Brejnev, mas também no período estalinista (Fitzpatrick, 2000). Num livro extremamente popular nos círculos de estudos soviéticos (Bauer *et al.* 1956), e que avalia esta sociedade, pouco depois da morte de Estaline, dava-se já conta da importância do *blat* para o funcionamento da economia, sublinhando que os esquemas de “coça-me as costas que eu coço as tuas” garantiam que a diferença entre o oficial e o paralelo não implicasse a paralisia do sistema. Abruzzi (1959: 385), por seu lado, salientava que o *blat* era uma prática que embora não totalmente respeitável levava a que a máquina funcionasse, ou seja, a tolerância pública da prática estava associada ao reconhecimento da sua eficácia económica num contexto de escassez.

Note-se que os dicionários russos, embora raramente listando o termo *blat*, quando o fazem atribuem-lhe o sentido de roubo de pequena escala ou actividade criminosa incipiente (Ledeneva, 1998:13). O *blat* tem correspondências no *guanxi* chinês, no *giri* japonês ou no *zaBatwi sprawy* na Polónia (*cf.* Wedel, 1986), mas não possui verdadeiros correlativos nas línguas ocidentais. Considerando a desmontagem etimológica oferecida por Dunn (2000), será mesmo de levantar a hipótese de as práticas de *blat* ou similares comungarem de uma origem oriental e se restringirem a espaços onde a sua influência se exerceu. Etimologicamente, o termo parece ser originalmente judaico, significando chegado ou familiar, tendo entrado no vocabulário russo por influência de um termo polaco que significa alguém que fornece um chapéu-de-chuva ou uma protecção. Outros consideram que a palavra deriva do alemão *blatt*, tendo sido introduzida na Rússia pelos prisioneiros de guerra chegados da Alemanha em 1918 com o sentido de recompensa (*blatt* equivale a nota bancária) por trabalho desenvolvido. Seja como for, resta a ideia de que *blat* se associa fortemente à ideia de ajuda, de protecção e de obtenção de algo por meio de conhecidos.

A expressão russa *blat* surge quase sempre associada ao que convencionámos chamar corrupção, compadrio, suborno, luvas ou troca de favores.<sup>1</sup> O *blat* pode, assim, ser apresentado como economia informal, segunda economia, economia de mercado negro, corrupção, neo-tradicionalismo, etc., sem que nenhuma das designações se mostre, no entanto, capaz de descrever totalmente o fenómeno. O *blat* está intimamente relacionado com uma prática culturalmente marcada de

---

<sup>1</sup> O *Blat* é vulgarmente descrito em russo pelo recurso a um aforismo popular bem conhecido, pelo menos desde o mundo grego (*cf.* Tosi, 1996): *Ty - mne, ya - tebe* (ajuda-me e eu ajudo-te). A relação de reciprocidade condicional aqui patente é um bom exemplo de como se podem construir e ampliar as redes informais que sustentam o *blat* (*cf.* Ledeneva, 1998: 33).

obter benefícios por intermédio de dons e de favores e contra favores<sup>2</sup> que se desenvolvem numa rede de conhecidos ou, seguindo a terminologia russa, activando os *krugovaia poruka* (círculos de protecção mútua). O *blat* é uma forma de responder a incertezas e de anular dificuldades, racionamentos, carências, bem como constitui um instrumento para obter recompensas, cargos, situações privilegiadas ou favorecimentos em negócios.

Deste modo, o *blat* permite, como prática defensiva, o atenuar das dificuldades em situações de crise social e económica e, como prática ofensiva, garantir melhores posicionamentos na estrutura social. A reciprocidade é o meio pelo qual o *blat* se desenvolve e se instala no seio de um sistema caracterizado por carências constantes. Os bens e serviços que se obtém por intermédio do *blat* podem variar entre um frigorífico e um bilhete de 1ª classe no trans-siberiano, passando por uma obra literária, caviar de alta qualidade ou isenção de trabalho num *kolkhoz*. O *blat* parasita os sistemas de valorização social, possibilitando trocas eficientes ainda que assimétricas. Baseando-se em trocas entre actores sociais diferentemente posicionados na escala de prestígio, remuneração e autoridade, o *blat* permite a troca de bens e serviços valorizados diferentemente por cada um dos intervenientes na troca. Deste modo, a valorização do dom por quem dá tende a ser marcadamente inferior à valorização do dom por quem recebe. Estabelecendo-se uma valorização assimétrica destes dons, o *blat* pode permitir que cada um obtenha um bem ou um serviço que muito valoriza por troca com um outro bem ou serviço que valoriza escassamente ou cujo acesso privilegiado tende a desvalorizar.

Os contactos informais e as redes pessoais transformam-se na forma dominante de desenvolver actividades económicas em sistemas bloqueados e onde as regras são permanentemente subvertidas. Simultaneamente, o *blat* assegura uma margem de manobra e funciona como almofada de protecção para o referido sistema, na medida em que permite a obtenção dos bens e dos serviços em falta, graças ao recurso a meios alternativos que, embora condenados oficialmente, são manifestamente tolerados, aceites e discretamente incentivados pelas autoridades, para quem eles significam um balão de oxigénio e uma forma interessante de tornar contestações, canalizar protestos e mitigar revoltas. A expressão russa *nel'zya, no mozhno* (proibido, mas possível) é aliás reveladora desta situação.

Em sistemas socio-económicos criadores de bloqueios e de carências, práticas informais como o *blat* asseguram quer a continuidade desse mesmo sistema (sem sobressaltos excessivos) quer a sobrevivência das classes ou dos grupos que mais dificuldades possuem no processo de obtenção dos bens e serviços em falta. O *blat* faz parte de um conjunto de conhecimentos tácitos que é compreendido por todos os participantes de uma rede social, mas que dificilmente poderá ser explicado objectivamente por eles. O *blat* faz parte daquela dimensão culturalmente profunda

---

<sup>2</sup> Para um tratamento da questão da troca de favores como questão paralela à da troca de dádivas e como factor de eficiência económica, veja-se Neilson (1999).

a que certos autores como Schein (1985:14) chamam as *taken for granted (basic) assumptions*, premissas que definem o que há de mais enraizado na prática cultural de um grupo ou de uma sociedade. A generalização desta prática equivale ao desenvolvimento de um cinismo endémico nas relações sociais, marcando a separação radical entre uma acção social de fachada e uma realidade profunda que a desmente e onde os vícios subterrâneos são tapados pelas virtudes públicas. O cinismo é também político: à fachada de devoção ao socialismo opõe-se a prática diária de desconsideração e de edificação de um anedotário profundamente crítico<sup>3</sup> que é típico dos regimes totalitários. No *blat* desenvolve-se um jogo social de ocultação extremamente forte, onde os pedidos não são pedidos, onde as promessas de reciprocidade permanecem veladas, onde as exigências de pagamento são camufladas, onde as ameaças de retaliação permanecem no campo do não dito. O mundo da reciprocidade *blatística* é um mundo de etiqueta e de relações aristocratizantes onde as aparências triunfam sobre as realidades, de modo a salvar a face a todos os intervenientes.

Por outro lado, embora este tipo social possa envolver (e envolva de facto) relações sociais entre pares, a dinâmica do *blat* pode também implicar a constituição e sedimentação de relações sociais assimétricas, definidas pelo afastamento radical entre um grupo de patronos (cada vez mais poderosos) e um grupo de submetidos que sobrevive graças às benesses que lhe são oferecidas por esses mesmos patronos. O pagamento desses benefícios é dado por uma fidelidade canina e de tipo feudal que é expressa por cada um dos membros do grupo apoiado pelos referidos benfeitores.

Quando a relação *blatista* se caracteriza por uma assimetria extrema, a lógica social da equivalência, da moralidade ou da ajuda emotiva é substituída por um quadro explicativo diverso: o poder. Neste caso, a troca não corresponde a uma transacção no mesmo registo, mas a um pagamento em circuito paralelo. A ajuda é replicada por submissão ou por endividamento interno. A reciprocidade não desaparece, antes sendo substituída por uma disponibilidade permanente para servir ou para seguir quem produziu a ajuda. É neste sentido que se pode afirmar que a reciprocidade oscila entre a moral e o poder e que tanto pode caracterizar a ligação amigo-amigo, como o vínculo entre vizinhos, ou mesmo a relação patrono-cliente.<sup>4</sup> A gratidão, a lealdade e o respeito são tanto factores de reciprocidade quanto são o dom e a mercadoria. Consoante as lógicas sociais prevalecentes, a dádiva pode ser considerada uma forma de abrir a relação social, um indutor de favores, uma forma de submissão, um agradecimento, um pagamento, uma prova de superioridade, um reforço de amizade ou um intensificador emocional.

---

<sup>3</sup> Para uma discussão desta questão, veja-se Lovell (2000), autor que avalia até que ponto o *blat* e a corrupção são temas constantes da literatura e das revistas satíricas na União Soviética dos anos 20. A revista *Krokodil*, profusamente citada por Ledeneva (1998) é também uma inspiração constante para uma análise deste anedotário.

<sup>4</sup> Para o desenvolvimento desta questão em perspectiva comparada, veja-se Eisenstadt e Roniger (1984).

O *blat* é uma das manifestações mais evidentes do carácter espúrio da distinção entre dom e mercadoria. Com efeito, a transacção *blatista* pode ser considerada como uma forma dupla de troca, envolvendo ora dom ora mercadoria, numa dinâmica de conversão que se aproxima da teoria do valor de Gregory (1982, 1997). Alienabilidade e inalienabilidade convivem nestas transacções. Se por um lado, o que se troca é maioritariamente constituído por bens alienáveis (o que nos empurra para a discussão do espaço mercantil e das mercadorias), por outro, as transacções não são nem impessoais nem fruto de tentativas de maximização de utilidades ou de lucro. As trocas só são possíveis porque existe uma relação social prévia que as legitima e possibilita. Os activos da confiança e da reputação permitem que a troca se constitua. A consideração e a confiança são as dimensões escondidas por detrás de uma relação de *blat*. Sem elas, nenhuma relação se prolongará por períodos longos. O *blat* está para lá do terreno das equivalências estritas: o que se dá nunca é inteiramente idêntico ao que se recebe e muitos dos favores que circulam não possuem um valor de mercado facilmente fixável. Simultaneamente, os bens trocados favorecem um sistema assimétrico de valorização, pelo qual quem recebe estipula, para esse bem, um valor superior ao que é atribuído por quem dá.

A alienabilidade do bem não corresponde a uma alienabilidade da posição social que o permite obter, o que constitui um travão à intermutabilidade de papéis sociais que é proporcionada pelo mercado. O *blat* é um misto de liberdade de agente económico e de obrigação de actor social, mas também é uma justaposição entre cumprimento de normas sociais e comportamento estratégico. O abdicar de ganhos imediatos corresponde a uma busca de garantia de ajuda para tempos difíceis. A troca *blatista* obedece assim a uma pluralidade de lógicas sociais e de regimes de sentido, eximindo-se ao espaço mais constrangido que caracteriza o dom e o mercado. Assim sendo, o *blat* é uma categoria mista de transacção económica que transcende o modelo estanque do par dicotómico mercado-dom.

Estas considerações iniciais em torno do *blat* permitem revelar um aspecto curioso dos fenómenos de reciprocidade. Assim, se é um facto que a existência de excedentes (sem possibilidade de entesouramento ou de armazenagem) gera a própria possibilidade de uma reciprocidade sumptuária de dons e de ofertas mútuas, não deixa de ser verdade que a escassez e a pauperização conduzem a uma outra forma de reciprocidade generalizada e que tende a dominar as sociedades que as sofrem. Está-se aqui perante o caso de uma reciprocidade de favores e de subversão da ordem vigente e não de uma reciprocidade de dom e de contra dom de tipo paroxísmico, mas mantém-se a ideia-força de uma competição pela obtenção de *status* e de vantagens de posição social. A diversidade das respostas associadas à reciprocidade depende dos condicionalismos socio-económicos que caracterizam uma determinada formação social, cabendo assinalar que a universalidade da prática não pode fazer esquecer a variedade das suas manifestações.

Se a rede social é a forma privilegiada de alimentação dos canais de *blat*, a escassez é o seu motor. A carência implica que só o informal pode ser activado para fornecimento de recursos necessários à sobrevivência. A activação do informal implica, no entanto, a subtracção dos bens em causa aos canais formais, reforçando a tendência para a escassez e atribuindo uma centralidade crescente ao *blat*. Como, em contextos *blatísticos*, o planeamento é feito na presunção da escassez e considerando a necessidade dos desvios, a escassez está auto-perpetuada e o *blat* transforma-se na única via para obter o que é impossível de conseguir pelas vias formais. A economia do racionamento e das bichas é a forma de perpetuar o *blat*, na medida em que se pode considerar que ela constitui um sistema económico de distribuição que não obedece à lógica da alocação baseada em preços, mas à lógica de uma alocação dependente de variáveis sociais como a necessidade, o mérito, os antecedentes familiares, o *status*, o comportamento político, as relações de amizade ou de família com o distribuidor, a corrupção, ou as relações anteriores com o distribuidor (Ledeneva, 1998: 89).

Embora o *blat* seja uma dimensão universal no espaço russo, será de salientar que a sua presença é mais nítida nas urbes do que no campo. Tal fica a dever-se ao facto de a escassez, o sistema de racionamento e as bichas serem mais dominantes nas cidades, do mesmo modo que o isolamento social é aí mais claro, reforçando a necessidade de se ter bons contactos e conhecimentos para fugir aos riscos da pauperização. Nos campos, os laços tradicionais, as redes de patronato e as várias cadeias de apoio parecem substituir o *blat*. Ainda que a diferença seja, em muitos dos casos, mais terminológica do que substantiva, permanece o registo importante de os camponeses tenderem a recusar ser vistos como *blatistas*.

O *blat* é a resposta informal que, ao subverter a lógica do sistema, paradoxalmente contribui para a sua sobrevivência, alinhando interesses divergentes e trabalhando para a consecução dos objectivos formalmente apresentados pelo regime em consideração. Pode-se afirmar que a União Soviética dependeu largamente (especialmente ao longo da década de 70) desta prática informal para camuflar os insucessos e falhanços da sua política de planeamento e de controlo das actividades económicas. Dyker (1970) salienta que o *blat* poderia ser uma forma de garantir uma localização industrial ou um investimento público numa qualquer república soviética, enquanto que a presença do *blat* como lubrificante organizacional é assinalada por Sanjian (1986: 207-208) que realça a sua dupla natureza – funcional, do ponto de vista dos resultados e disfuncional, do ponto de vista moral, com a sua associação a modalidades de corrupção.

Em qualquer dos casos, o sucesso e a capacidade de regeneração dos modelos informais não estão dependentes da existência de um regime político de tipo socialista. Se é bem verdade que na China, o *guanxi* (cf. Yang, 1994) aparece consistentemente associado ao regime imposto pelo Partido Comunista, não se poderá escamotear que essa prática é endémica em todo o mundo de expressão chinesa (como é o caso das comunidades chinesas que emigraram para o sudeste

asiático ou mesmo para a Europa ou para os Estados Unidos), independentemente do regime económico em que essas comunidades étnicas se encontram mergulhadas ou incrustadas.<sup>5</sup> Em todo o caso, convirá realçar que a afirmação da extra legalidade do *blat* e da troca de favores não nos empurra necessariamente para uma discussão das manifestações mafiosas puras e duras. Se é um facto que o mundo da *cosa nostra* (como é exemplarmente demonstrado por Diego Gambetta, 1989, 1992) baseia parte importante do seu sucesso na já referida reciprocidade de favores, não necessitamos de chegar a casos tão extremos para encontrar perpetuada uma prática informal e de manutenção de redes sociais. A extra legalidade não deve ser confundida ou amalgamada com a actividade criminal mais comum. O mundo da mafia não é senão um caso extremo de manifestação (ou desenvolvimento) das actividades indicadas pelo *blat*.

Concluindo esta breve apresentação, diríamos que o *blat* é uma relação pessoal que envolve troca de favores e de bens, mas que não se reduz a nenhum deles, baseando-se numa certa forma de *bartering* que se instala em economias de escassa ou nula monetarização. O *blat* é uma forma impura de transacção que se situa entre o dom e a troca; entre a alienabilidade total e a inalienabilidade absoluta; entre a reciprocidade memorial e o mercado e entre a reprodução social e a reprodução das coisas. O acesso privilegiado a bens e a serviços é o recurso fundamental da cadeia de *blat* e os principais lesados pela actividade são instituições estatais e não indivíduos. O *blat* não envolve apenas díades relacionais, antes tendendo a constituir redes sociais e cadeias circulares de troca incrustadas numa economia de escassez e de racionamento.

### A Constelação Social do Blat

O que caracteriza o *blat* do ponto de vista de uma análise sociológica do fenómeno é a sua profunda ligação a formas tradicionais e carismáticas de dominação e a sua capacidade de minar a operação de um sistema inteiramente definido por preceitos legais e racionais e por formas burocráticas de conduta. Jowitz (1983: 279-280) refere mesmo que o *blat* faz parte de uma orientação heróico-carismática do sistema social soviético com uma recusa visceral dos ditames racionais de uma economia de mercado. A segunda economia que daqui deriva está fortemente associada a mecanismos de poder. O *blat* é uma forma tradicionalista de reciprocidade que garante a prevalência do status, da deferência, da generosidade e da lealdade. Mas, ao mesmo tempo que subverte e mina, a reciprocidade de *blat* é a própria condição de sobrevivência dessa burocracia cega,

---

<sup>5</sup> Vários autores (cf. Blim, 2000) parecem interessados em discutir a hipótese de o *blat* e o *guanxi* oferecerem pistas para o desenvolvimento de novas formas capitalistas. A este nível, o *guanxi* parece mais promissor, principalmente porque a marcha da economia chinesa para uma forma capitalista está mais sedimentada do que a russa. Do mesmo modo, o *blat* metamorfoseou-se em modelo de corrupção de uma forma mais nítida do que o *guanxi*.

impessoal e universalista. A reciprocidade de *blat* não se fixa nos interstícios de uma modernidade em crise, ela é a própria condição do seu funcionamento. Sem *blat*, o sistema entraria em colapso e soçobraria na voragem dos conflitos entre interesses contraditórios. Este tipo de reciprocidade permite a canalização dos interesses divergentes, dando espaço para que cada um possa conduzir livremente as suas actividades, no quadro de um sistema que explicitamente pretende anular essas liberdades contratuais e essas capacidades de instalar negócios não condicionados pelo ditame estatal. A reciprocidade substitui a contabilidade, a confiança limita a racionalidade calculista e as ligações pessoais subvertem as obediências legalistas. Tal como na troca de dons, a contabilidade social das equivalências não está totalmente ausente, mas os actores sociais têm perfeita consciência que a conversão do tácito em dimensão assumida acarretaria forçosamente a destruição da relação. A ausência de referências às equivalências entre dom e contra dom e entre serviço e contra serviço deve ser entendida como uma forma social de decoro que evita o *faux-pas* no interior de uma teia relacional e não como revelação de um espírito de entreajuda sem mácula.<sup>6</sup>

Quanto mais uma sociedade for dominada por princípios consuetudinários e por premissas profundas, menos peso terá a fixação de leis, por mais impessoais que elas sejam. As resistências e os anti-corpos desenvolvem-se, de forma a minorar as perturbações pessoais causadas pela burocratização. O *blat* oferece uma dimensão humana à burocracia. Para tanto, os utentes dos serviços públicos raramente recorrem aos canais formais que estão superiormente definidos, preferindo entrar pela porta das traseiras, temperar a rigidez do outro com uma pequena oferta que amacie o comportamento. Deste modo, todos têm condições para obter o que desejam; o sistema funciona contra todas as expectativas, mas o produto final é desmoralizador. O sonho da igualização pelo nivelamento dos rendimentos é subvertido pela diferenciação que é produzida pelo capital social. O universo *blatístico* dá-nos uma das mais gritantes e evidentes formas de contrapor o domínio do capital social ao do capital financeiro. Os activos entesourados no mundo do *blat* não são nem moeda, nem obrigações, nem acções, nem jóias, mas sim contactos, relações, conhecimentos e informações. Galeotti (2000: 272) reforça esta linha de raciocínio considerando que, na era soviética, a moeda corrente não era o rublo, mas sim os conhecimentos e a influência. A posição central numa rede social é mais decisiva do que a acumulação de riqueza monetária. O intangível domina o tangível.

A um outro nível, a economia de *blat* é essencialmente uma economia não monetária ou uma economia em que a monetarização é embrionária ou se encontra em crise. A prática de favores trocados aproxima-se do *bartering*, no sentido de não necessitar da intermediação monetária para se desenvolver (Ledeneva, 1998: 34-35). Os bens trocados e alvos do *blat* transformam-se eles mesmos num

---

<sup>6</sup> Para um desenvolvimento desta ideia, veja-se Bourdieu (1998).

substituto funcional dos meios monetários de pagamento e constituem a base fiduciária que mantém e perpetua as relações sociais estabelecidas. Ao contrário da frieza monetária, o *blat* possibilita trocas quentes que se alimentam da relação social constituída. Ao assinalarmos uma certa aversão à monetarização, não queremos afirmar que as práticas de troca de favores se circunscrevam a economias subdesenvolvidas ou em crise. Na verdade, o que encontramos no *blat* é uma procura activa de meios de compensação não necessariamente monetários, mas intimamente associados à busca de poder, influência e capacidade de intervenção. Se a economia, na qual a prática se desenvolve, for fortemente monetarizada, então o *blat* assumirá crescentemente uma dimensão de busca de activos financeiros e de meios monetários. No caso da sociedade soviética e na Rússia da transição, a busca do monetário está ainda submetida a meios alternativos de obtenção de prestígio e de poder.

A deferência e a lealdade são parte significativa dos sistemas de reciprocidade por troca de favores. A generosidade da grande figura é recompensada pela mobilização dos beneficiados para projectos ou empreendimentos necessários ao prestígio, segurança e enaltecimento do *status* do benfeitor. Do evergetismo e do patronato romano ao *blat*, passando pelos diferentes modos de feudalismo, esta é uma característica comum aos sistemas de reciprocidade assimétrica. Os actores sociais envolvidos nas teias do *blat*, tendem a considerar a prática de uma forma muito desigual e em função da sua percepção das regras sociais e dos factores que são socialmente reconhecidos como válidos ou merecedores de elogio. Deste modo, afirmar que obtive algo por meio de *blat* é, para alguns, uma forma de orgulho e de enaltecimento aos olhos dos outros, por provar uma certa capacidade ou inteligência do actor social que o conseguiu e, para outros, nada mais é do que uma forma vergonhosa e baixa de fazer avançar a sua posição num contexto de corrupção generalizada e de desvirtuamento moral. Outros ainda, mais cínicos, tenderão a considerar que o recurso ao *blat* é apenas um modo rotineiro e básico de obter aquilo que se necessita, sem que tal deva envolver pudor ou vanglória.

Em todo o caso, para lá da fachada revelada nos encontros sociais, manifesta-se uma posição mais profunda relativamente ao *blat* e que é facilmente compreensível quando se vêem reconhecidas e rotuladas como *blat* as práticas sociais de favores cruzados que são desenvolvidas pelos outros e se caracteriza como “fruto de conhecimentos ou de amizades” os bens que nós próprios obtemos. O reconhecimento do *blat* nos outros colide com a negação do nosso envolvimento (Ledeneva, 1998: 59-63). Acresce a isto, o facto de muitos dos entrevistados em estudos sobre o fenómeno tenderem a afirmar o seu desconhecimento pessoal da prática, podendo apenas falar dela a partir de exemplos mais ou menos obscuros que resultam de contactos com outros actores sociais. Em última análise, o mundo do *blat* é sempre um mundo dos outros (*op. cit.*: 36-37). Esta dimensão revela uma óbvia má consciência e um certo desconforto quando se pessoaliza a questão da reciprocidade informal e identifica um quadro moral profundo que é antitético

do mundo do *blat* (cf. *op. cit.*: 6). A admissão do *blat* é geralmente recusada porque equivale a confundir comportamento estratégico com amizade, contaminando a verdadeira ajuda desinteressada com uma lógica de cálculo racional que visa ganhos pessoais.

A dimensão informal do *blat* confere-lhe uma certa auréola de magia e de placidez que contraria o dia-a-dia da troca mercantil e sem alma. Mesmo que extra-legal, o *blat* possui uma forte componente de solidariedade, confiança e protecção que contrasta vivamente com as componentes mais usuais do mercado ou, no caso vertente, das trocas promovidas pelo Estado. Os actores sociais que estabelecem estas relações informais desenvolvem uma preocupação pelo outro, uma atenção às suas necessidades e desejos, mesmo que, em boa verdade, a relação seja radicalmente desigual e que os direitos de uns sejam inferiores aos dos outros. Como em tantos outros tipos e modelos de reciprocidade, o *blat* necessita de uma regra tácita e consuetudinária para sobreviver. O registo escrito, a contabilização total matará o fenómeno. Tal facto não nos pode fazer esquecer que os registos funcionam e são uma constante. A diferença reside no facto de estes registos, contrariamente aos mercantis, não se destinarem a constituir formas explícitas de regulação e de resolução conflitual, apenas se constituindo em modelos de promoção de contactos. O registo é uma lista de contactos, não uma garantia para incumprimentos. Como todos sabemos, em situações informais o preço do incumprimento varia entre a ostracização e a morte, mas raramente faz apelo a uma arbitragem por figuras terceiras. O acordo de *blat* é estrangeiro à fixação contratual e à constituição de clausulados de salvaguarda.

O *blat* pode ser definido como um “possibilitador” social, uma forma de garantir que alguém que não tem acesso a um bem ou um serviço pode efectivamente vir a consegui-lo graças à intervenção de um outro que o transforma de um zero em algo de significativo. Mas esta troca desenvolve-se frequentemente à custa de outros que, subjugados pelas mesmas condições, não são capazes de obter os mesmos bens ou serviços por falta de contactos. A mobilização do capital social presente na relação de *blat* é o factor que separa actores sociais colocados objectivamente na mesma situação depauperante. Quanto maior for a densidade de contactos maior o potencial de activação dos recursos de *blat* e menor a dependência de cada um dos seus próprios recursos e capacidades. Conhecimentos e ligações (*znakomstva i svyazi*, em russo) são a mais importante componente da vida social em casos onde a economia formal não pode preencher na integralidade o campo da satisfação das necessidades.

A habilidade social e a capacidade de fazer conhecimentos são variáveis mais críticas para o sucesso de um indivíduo do que as suas posses económicas. Num sistema de racionamento e de limitação de acesso aos bens, ter muito dinheiro nem sempre equivale a obter os bens escassos, uma vez que esse mesmo dinheiro pouco pode adquirir. O activo decisivo numa cadeia de *blat* é a informação. O actor bem informado assume um papel central na rede de contactos e torna-se

efectivamente num pivot de todo o esquema *blatista*. Saber a que horas chega o carregamento de um bem; divulgar o tipo de exame e as perguntas que serão formuladas num processo de candidatura a uma empresa; conhecer as melhores formas de garantir um lugar elegível num sistema de distribuição de habitações; ter acesso e contactos com os responsáveis da selecção e do recrutamento de uma empresa estatal, etc., são formas de conquistar a centralidade no seio de uma rede de *blat*. A par da informação, o *blat* apoia-se na construção social da amizade e nas teias de confiança que a própria relação engendra.

Se é um facto que o *blat* depende das trocas permanentemente alimentadas de favores recíprocos, não poderemos escamotear que esses favorecimentos mútuos produzem alinhamentos e lealdades difíceis de apagar. Os membros mais fracos das cadeias de *blat* são apresentados como dependentes: “eu venho da parte de...”; “eu fui recomendado por...”; “eu sou amigo de...”. Esta criação de dependências e de vínculos fortes é reforçada pela dimensão de inalienabilidade que caracteriza as permutas efectuadas no quadro do *blat*. Tal como na troca de dons, cada bem ou serviço trocados transportam consigo a alma do doador original. Nenhuma dívida de *blat* é totalmente anulável e todos os favores prestados são preservados por memórias imorredouras. Esta transacção caracteriza-se por um espírito de ajuda e de amizade e acaba por não colocar um fardo particular nos ombros de quem cede um bem, uma vez que, ao contrário da reciprocidade de dom, o que se troca não são bens pessoais, mas bens estatais aos quais cada um dos actores tem um acesso privilegiado. A estrutura das cadeias de reciprocidade *blatistas* tende a favorecer a construção de hiatos entre os favores dados e recebidos. Na verdade, e na medida em que o pedido de ajuda não pode, por tacto social, ser solicitado directamente, a presença de um intermediário de ligação, que opera como facilitador da relação, tem o condão de avivar a marcação deste hiato entre a prestação e a contra-prestação.

O facto de nos centrarmos neste texto na discussão da reciprocidade por *blat* não nos pode fazer esquecer que podemos com facilidade encontrar no mundo ocidental práticas que são formalmente idênticas à que aqui listamos com mais pormenor. A presença de instrumentos informais de resolução de problemas baseados na articulação entre cidadãos e burocracia permite constituir até uma constelação que sugere a necessidade de estudos comparativos: a *cunha* em Portugal, a *cuña* no Chile, o *pull* nos EUA, a *protexia* em Israel ou a *palanca* no México seriam bons exemplos. Lomnitz (1988: 53) salienta a extraordinária capacidade de adaptação e convertibilidade demonstrada pelo *blat*. A reciprocidade pode transformar-se quer num sistema clientelar quer numa troca mercantil, ou seja, as relações simétricas, mas também as relações assimétricas podem ser produto de transacções *blatísticas*. A confiança no seio da rede e o risco envolvido nas transacções (com o Estado a ser o principal perdedor) definem a prática. As relações estabelecidas entre um patrono e um cliente (com o seu cortejo de formas de deferência, respeito, apoio e confiança), dadas em troca de protecção, emprego

e hospitalidade, são disso um excelente exemplo. As semelhanças entre paternalismo e *blat* não nos devem, contudo, fazer esquecer uma diferença importante. Enquanto o *blat* se estabelece nos interstícios de um modelo burocrático que não consegue fazer valer as suas regras a todas as esferas da vida social, o paternalismo é uma prática tendencialmente incrustada em sistemas sociais pré-burocráticos ou de burocracia mitigada e onde prevalecem as relações de solidariedade verticais de tipo tradicional. Neste sentido, *blat* e paternalismo são duas formas de protecção em face da modernidade que se baseiam em regras diferenciadas, ainda que obtendo resultados similares.

A assimetria prevalecente no paternalismo é, de qualquer modo, muito mais saliente do que a que subsiste no universo *blatístico*. À verticalidade do patronato opõe-se a horizontalidade do *blat*. Enquanto que a assimetria do patronato é radical e imutável, a assimetria do *blat*, que não é menos saliente, é facilmente reversível numa outra ocasião e num outro espaço. Se o patrono será sempre patrono e desempenhará permanentemente um papel de superioridade relativamente aos seus clientes, os participantes de cadeias de *blat* ocupam papéis de superioridade apenas nos momentos em que fornecem os bens ou os serviços aos quais possuem um acesso privilegiado, invertendo-se a situação sempre que esse acesso esteja mais facilitado para outros membros da teia relacional. Por último, convirá referir uma oposição importante. Enquanto o patronato envolve quase sempre uma reciprocidade política, isto é, a resposta aos dons de bens e serviços é dada pela fidelidade eleitoral ou pelo apoio político, o *blat* não envolve dois canais diferenciados de reciprocidade, mas apenas um: a resposta a um dom de bens e serviços é um outro dom de bens e serviços, ainda que diferentes. Deste modo, o patronato define uma reciprocidade de duplo canal enquanto que o *blat* se molda numa reciprocidade de canal simples.

Num regime que cria incerteza nas relações sociais e económicas, o *blat* pode ser visto como um princípio de ordem ou como um refúgio em face de exigências contraditórias e discricionárias por parte de um estado invasor do espaço privado. O favor de *blat* opera como seguro informal para qualquer eventualidade, seja ela uma acusação sem provas ou o espectro da fome. Os contactos de *blat* oferecem pequenas garantias de vidas tranquilas e conquistam amenidades. O *blat* diminui o risco percebido e contribui para níveis mais baixos de ansiedade e de incerteza.

Considerando o que foi dito anteriormente, estamos em condições de avançar com uma definição mais formalizada de *blat*. Assim, o *blat* é uma troca informal de favores de acesso a bens e serviços em contextos de escassez e no quadro de um sistema estatal de privilégios de acesso, distribuição e consumo e onde esse favor de acesso se faz à custa do bem-estar público, levando à reorganização dos meios de distribuição oficial do bem-estar material. O seu desenvolvimento favorece necessidades de consumo, possibilitando o acesso a recursos públicos por intermédio de canais pessoais de troca. A sua dinâmica implica a criação de hiatos

entre prestação e contra-prestação de serviços, sobretudo pela acção de instâncias de mediação que favorecem e facilitam o estabelecimento de relações sociais. A prática é reforçada pelo recurso a uma retórica de legitimação baseada na amizade, na partilha, na entreatajuda, na solidariedade, no apoio e no conhecimento que obscurece todas as actividades ilegais ou extra-legais que são necessárias para a sua fixação e desenvolvimento.

### **Uma Prática Criminosa?**

Embora frequentemente confundido com as práticas de suborno ou corrupção, o *blat* possui diferenças significativas relativamente a estas (cf. Ledeneva, Lovell e Rogachevskii, 2000: 5-9). Schwartz, (1979: 431, 437, 439) numa tentativa de estabelecer gradações nas formas de corrupção e suborno que caracterizariam a União Soviética no final dos anos 70 define o *blat* como suborno branco, um ponto mínimo na escala de corrupção. Não só é moralmente menos reprovável que as práticas cinzentas ou negras como é mesmo funcional para o sistema. Di Franceisco e Gitelman (1984: 614), por seu turno, consideram que o *blat* é uma arma da intelligentsia, enquanto o suborno é um instrumento dos menos privilegiados. Deste modo, o *blat* seria uma forma de capital social típica daqueles que possuem mais contactos e influência. Os mesmos autores (*op. cit.* 618-619) marcam a importância do *blat* na entrada nas universidades (a par com a corrupção) e na obtenção do primeiro emprego, mas salientam que não há nada de novo nisso. Para eles, a continuidade com o regime czarista é evidente. O *blat* seria assim um traço profundo de cultura que não havia desaparecido porque algumas das dimensões estruturais da sociedade soviética preservavam elementos já revelados no czarismo, ainda que com diferentes protagonistas.

Enquanto que o suborno é uma relação objectiva e objectivante, onde o único vínculo existente entre os actores sociais é a oferta feita, o *blat* define-se essencialmente por ser uma relação ética entre sujeitos que é dominada por amizade e por confiança recíproca. Deste modo, o espírito interesseiro é moldado por um clima de amizade e de boas intenções, fortalecendo a solidariedade no interior de um grupo, mesmo que à custa de uma desordem acrescida no exterior do mesmo. O *blat* não só não é ilegal como configura relações sociais permanentes e de longo-prazo que podem reforçar o laço social, enquanto que o suborno é ilegal, episódico e desmoralizador da relação. Da mesma forma, enquanto que o *blat* é uma prática sem valorização precisa e que necessita de um hiato doador de sentido para se manifestar, o suborno é uma troca imediata, sem distância nem preparação que se destina apenas a aumentar os ganhos dos elementos envolvidos na relação social momentaneamente constituída. Sendo uma forma mais generalizada do que o suborno, mas negando-o em muitas dimensões, o *blat* pode ainda assim ser considerado, nalguns casos, como uma propedêutica de todas as formas de

corrupção.<sup>7</sup> Em sociedades em que a prática de *blat* é generalizada, o acesso aos canais da corrupção e do suborno só pode ser feito por conhecidos e conhecidos de conhecidos, o que vale por dizer que o *blat* é a condição de entrada para o mundo do suborno. Se existem teias de *blat* em todas as esferas sociais, então talvez não seja necessário saltar para o mundo da ilegalidade se pudermos resolver tudo pela acção das cadeias de reciprocidade *blatística*. Os conhecimentos são usados para obter aquilo que se pretendia sem se mergulhar no universo do crime.

O *blat* aproxima-se mais da actividade criminosa quando observamos o papel que desempenha na chamada economia informal ou segunda economia. A existência de relações sociais e contactos é decisiva na canalização de bens e serviços que se furtam ao controlo do Estado e que são liminarmente recusados por este por serem considerados ilícitos. Em face de proibições generalizadas a todas as práticas económicas que não sejam integradas ou regulamentadas pelo estado, os cidadãos sentem-se preparados para penalizar o governo ou o Estado, recorrendo aos canais *blatísticos*. A reciprocidade de *blat* é favorecida pela necessidade de torneir ou forçar a lei em contextos sociais onde existe uma contradição entre a lógica oficial igualitária definida pelo governo e a existência de acesso privilegiado a bens e serviços por parte de uma gama particular de actores sociais. A contradição entre um *ethos* político oficial e um *ethos* particularista favorece o desenvolvimento de práticas informais de reciprocidade orientadas pela ajuda e troca de favores, onde o único derrotado parece ser o Estado.

O *blat* é reconfigurado como uma forma de retaliação sobre uma instância governamental que não concede qualquer latitude comportamental aos seus cidadãos. Os pequenos roubos, os desvios de produtos e meios de trabalho tornam-se formas aceitáveis de conduzir actividades económicas que complementam a formação dos rendimentos dos diferentes actores sociais. A hiper-regulação da economia tende a desencadear mecanismos de reciprocidade que contrariam a presença todo-poderosa do Estado. O *blat* assume, a este nível, uma dimensão de resistência activa e constitui-se como espaço de refúgio em face dos avanços do Estado. Cada actor social fará tudo o que for necessário para preservar uma certa área de responsabilidade, liberdade e autonomia que lhe confira margem de manobra e rendimentos susceptíveis de obter os bens e serviços de que deseja.

Em termos globais, o *blat*, ainda que formalmente não legal, não parece merecer a condenação generalizada que é exercida sobre práticas como a corrupção, o suborno ou o roubo, uma vez que é definida pelos participantes como uma forma de troca culturalmente marcada e em obediência a certas regras éticas. A

---

<sup>7</sup> Seguindo Reisman (1979: 69-94) há que considerar que a corrupção pode assumir três contornos básicos: transaccional (pagamento a um funcionário com o móbil de acelerar um processo em favor de quem paga, mas não implicando uma violação clara da lei); desviante (quando o pagamento é feito para torneir ou violar a lei existente) e aquisitivo (quando em vez de se adquirir o serviço se compra o funcionário que, assim, continua aparentemente a trabalhar para o estado ou para uma instituição, mas que, na verdade, está inteiramente à disposição do corruptor).

sua aceitação moral deriva, provavelmente, da generalização da sua prática, mas também do facto de ser uma actividade incrustada no mais profundo da dinâmica das redes de relações sociais e no mais íntimo dos padrões mentais e culturais prevalentes na sociedade soviética e na sociedade russa. A escassez e a regulamentação excessiva definem o cenário institucional que favorece o surgimento e o desenvolvimento do *blat*, repondo no microcosmo do grupo de conhecidos os níveis de confiança que desaparecem da sociedade global. A flexibilidade e a ausência de rigidez que caracterizam o *blat*, juntamente com a ausência de formalização e de contratos escritos marcam um vivo contraste com o mundo do planeamento em que tudo parece regulado, definido e desencantado.

A tolerância que um estado totalitário concede ao *blat*, como forma de responder ao problema da escassez, pode transmutar-se numa tolerância à corrupção, quando nos confrontamos com problemas diversos. Galeotti (2000: 273-275) oferece cinco boas razões para o Estado tolerar práticas corruptas: a) a permissão de subornos e corrupção mina a moral, mas garante custos mais baixos no pagamento a funcionários públicos, retirando uma importante pressão sobre os cofres do Estado; b) a constituição de uma elite de corruptos assegura a sua fidelidade política, uma vez que a riqueza conquistada depende do acesso privilegiado a bens e serviços que o próprio Estado fornece ou pelos quais é responsável. A qualquer momento o corrupto rebelde pode ser extirpado do seu poder pela mobilização do aparato legal existente. Os funcionários ímpecos são uma dupla ameaça: aos seus pares e ao *ethos* do Estado; c) a realização do trabalho necessário em contextos de burocratização generalizada implica o recurso a formas extra-legais e a sistemas não oficiais de compensação; d) os subornos e a corrupção reduzem a pressão para mudar, na medida em que permitem obter por vias informais aquilo que cada um deseja; e) A corrupção permite cooptar opositores potenciais ou forças perigosas, oferecendo-lhes acesso à riqueza e à influência através de canais informais.

Humphrey (2000: 218) salienta que o espírito do *blat* é um espírito de dom, enquanto que a corrupção transporta consigo, o desejo do ganho. Por outro lado, o suborno é uma solução de último recurso que só é activada quando as cadeias e as redes sociais de amizade estão ausentes ou desapareceram. Aceitando esta tese, o suborno e a corrupção são as respostas óbvias em quadros sociais de desenvolvimento de relações económicas profissionais e especializadas, definidos por um isolamento e por uma atomização crescente dos actores sociais. As forças da burocratização e da racionalização conduziriam a obtenção do necessário do campo da troca directa de favores entre membros de uma rede para uma troca monetarizada, onde o corruptor paga para obter o que não poderia deter por via legal (ou não consegue obter em tempo útil). *Blat* e suborno são formas diferentes de operar uma conversão de dons em mercadorias e de mercadorias em dons. Ao contacto directo pressuposto pelo *blat*, opõe-se a mediação relacional imposta pela corrupção e pelo suborno. Em qualquer dos casos, a reciprocidade não desaparece por inteiro

nesta esfera, uma vez que a corrupção é facilitada pela actuação de um mediador ou corretor que se constitui simultaneamente em ponte e em almofada de protecção na relação entre corruptor e corrompido, providenciando informações, preços, momentos, locais e oportunidades para o estabelecimento da relação. Esta figura do mediador na esfera da corrupção oferece a característica notável de ter um papel social mais permanente e sólido do que o dos que se envolvem na acção de suborno (Humphrey, 2000: 219).

### **Ética Dupla e Etiqueta Social: O Blatmeister e a Produção dos Hiatos**

A justaposição de um sistema dominado pela escassez, por instituições sociais relativamente às quais não se confia, pela prevalência de uma lógica social que enaltece a solidariedade e a amizade de ajuda e pela consciência de que o cumprimento estrito das regras conduz ao caos económico-social, explica o porquê do *blat* se generalizar. Não havendo confiança nos canais oficiais, privilegia-se o recurso a canais informais; não havendo bens em qualidade e em quantidade suficientes, confia-se pouco nas vias tradicionais e oficiais de abastecimento e procura-se os bens e serviços necessários junto daqueles que são vistos como centrais na distribuição. Do mesmo modo, sendo a lógica social dominante uma lógica de solidariedade e de amizade, busca-se a ajuda pessoal em detrimento da formalização da relação económica. Ao generalizar-se, o *blat* triunfa num mundo que o condena e o considera perverso. Desenvolve-se uma modalidade de dupla moralidade em que a aceitação da prática (por ausência de alternativas) convive com a sensação de que ela é fonte de males e factor de desmoralização da sociedade.<sup>8</sup> Todos a praticam, todos a condenam, todos negam a sua prática, todos a reconhecem nas acções dos outros. O estigma do *blat* é uma marca a que se procura escapar nos processos sociais de rotulagem, sem que, com isso, se pretenda anular a prática. A necessidade sobrepõe-se à condenação moral.

O *blat* também proporciona o desenvolvimento de uma ética dupla de relacionamento social. O *blatista* procura ser justo, confiável e credível na sua relação com amigos, pares e clientes, mas só o consegue à custa de subtrair bens diversos ao Estado. Nas colheitas, engana o *kolkhoz*, declarando menos cereal do que o que foi colhido. Nas entregas de carne ou de manteiga, desconta 30 ou 40 Kg em cada carga. Na serração, subtrai blocos inteiros que orientará para a sua oficina privada. Na metalúrgica recolherá múltiplas escórias e peças rejeitadas

---

<sup>8</sup> O duplo padrão moral presente nas actividades de *blat* (e também de corrupção e suborno) está bem patente no tratamento que Rogachevskii (2000) faz da literatura russa do século XIX. Este autor sublinha mesmo um certo cinismo visceral que caracterizaria as actividades de dom na Rússia de XIX, ideia que fica bem patente numa máxima corrente no período: “Tenta tirar aos que não dão e dá aos que não recebem e terá sucesso em todos os teus empreendimentos” (*op. cit.*: 129). A presença eminente do *blat* na literatura soviética é também salientada por Gerschenkron (1960).

para as usar na construção de uma imensidade de objectos pessoais. Mas, em contraponto, na padaria nunca enganará um cliente no peso. No talho, nunca venderá acima do valor nem roubará um grama a ninguém. A madeira e o metal desviados das oficinas serão frequentemente usados para produzir objectos para oferecer aos amigos. Este duplo cânone que separa um interior encantado de amigos e de conhecidos de um exterior feroz, abusivo e castigador constitui uma das chaves para a compreensão do mundo do *blat*. É necessária a existência de um adversário para que a solidariedade se desenvolva no interior de uma rede de relações recíprocas.

A dupla ética do *blat* define uma certa forma de refinamento social. As regras sociais do *blat* são regras de tacto e não regras morais. Elas definem competências, mas não comportamentos justos; elas delimitam zonas de aceitação, mas não zonas de enaltecimento de virtudes; elas vivem no permissível, mas não no louvável. De qualquer modo, existe uma dimensão moral incontornável no *blat* que se prende com o privilegiar das relações com os outros, com o desenvolvimento da ajuda a quem necessita e com um certo espírito de *noblesse oblige*. Frequentemente, embora a ajuda seja considerada como um fardo para quem a presta, o actor social acaba por considerar que os custos de não ajudar superam largamente os custos da ajuda e decide continuar com as suas actividades. Ironicamente, o sistema que tanto pareceu minar a ordem comunista professa valores que não seriam rejeitados por um bom comunista: solidariedade, amizade, inter-ajuda e cooperação (cf. Ledeneva, 1998: 162-167).

A etiqueta inerente ao *blat* (*op. cit.*: 155) expressa-se num esforço para esconder a reciprocidade. Tornar oculta uma prática ou remetê-la para os subterrâneos do mundo social ou para os bastidores do teatro mundano é uma forma óbvia de refinar os gostos e de adensar uma prática social. Este esforço será tanto mais conveniente quanto for verdade que a condenação generalizada da prática corresponde uma necessidade imperiosa da sua manutenção. O discurso moral sobre os perigos do *blat* choca com o evidente reconhecimento tácito das vantagens que produz num sistema dominado pela carência e pelo racionamento. A este nível, o refinamento *blatístico* aproxima-se de uma construção civilizacional à maneira de Elias (1989). À medida que o *blat* se move para o não dito, para o interdito ou para o condenado, maiores as possibilidades de desenvolvimento de formas sofisticadas de relacionamento interpessoal e de constituição de redes sociais de favores. O acto censório possui aqui (como em tantos outros contextos) o óbvio condão de intensificar a prática, de reforçar o seu papel e de aumentar a qualidade dos resultados que propicia. Do mesmo modo, quanto mais condenado for o *blat*, maior a probabilidade de ele se transformar num sinal de *status* e num modo de distinção social. Se o processo civilizacional, definido por Elias, se caracteriza por uma emulação das formas refinadas das classes superiores pelas classes inferiores, desembocando numa escalada competitiva em que aquelas respondem por um refinamento acrescido à ameaça de igualização pelos inferiores, no *blat* a escalada competitiva expressa-se numa economia subterrânea de favores e gratidão,

onde a centralidade da classe social<sup>9</sup> é substituída pela centralidade do tacto social. O *blatmeister* é evidentemente um *social sensor* capaz de ajustar os seus comportamentos às condições sociais.

Participando de diversos circuitos de troca, o *blatmeister* assume um papel de agente de troca, facilitador de intercâmbio, dominador das informações relevantes, possibilitador das circulações, operador dos câmbios, informador das disponibilidades e solucionador de problemas relevantes. Não se deve, contudo, confundir o *blatmeister* com alguém que resolve directamente os problemas. A maior parte dos grandes especialistas não será sequer capaz de desenvolver uma única actividade tida como importante. O que o especialista produz é contactos e conhecimentos. Em face de um problema de difícil resolução, o *blatmeister* não o resolve, mas conhece sempre alguém que conhece um outro que pode eventualmente resolver esse mesmo problema. É neste sentido que o especialista de *blat* pode efectivamente ser considerado um técnico de arbitragem ou um corretor das relações sociais. Ele negocia em confiança, ele trabalha em intangíveis.

O facto de o *blatmeister* negociar confiança e trabalhar intangíveis transforma-o num actor de fronteira. Na verdade, ele tanto pode capitalizar as relações sociais que estabelece, em proveito do adensar relacional como pode, em determinadas condições, usá-las em proveito próprio. Não é em vão que os contos do vigário (apropriadamente chamados em inglês *confidence games*) se desenvolvem em torno de figuras de mediação que inspiram confiança. O artista do conto do vigário consegue o golpe graças à informação que recolhe sobre um amigo do “pato”, amigo esse que é invocado habilmente, de modo a favorecer a consumação da trapaça. O especialista destes jogos cria confiança parecendo oferecer confiança e dando a ideia de que a situação de risco é a sua. Fitzpatrick (2002) faz uma análise da prática blatística na sua relação com protagonistas sociais dotados para o conto do vigário, nomeadamente aproveitando um estatuto de heróis de guerra que não correspondia à verdade dos factos.

Estas actividades cruzadas com uma personalidade sedutora fazem do especialista em *blat* um *smooth operator* das relações sociais e alguém que pode efectivamente transcender os limites aparentes à mobilidade social. O *blatmeister* é simultaneamente um marginal secante (na linguagem de Crozier e Friedberg, 1977) e alguém que aproveita, ao limite, o cruzamento dos círculos sociais. A multiplicidade de ligações (mas sem empenhamento) faz do *blatmeister* um actor em permanente circulação, sem filiações nem crenças que transcendam o seu carácter de *social sensor*. Ele é capaz de avaliar com um simples olhar a situação

---

<sup>9</sup> Nove (1983: 309) ao discutir a natureza das relações de classe na União Soviética, salienta até que ponto a estratificação soviética se aproximava mais de um esquema de *big men* do que de uma verdadeira estrutura de classes. Na verdade, a prevalência de relações clientelares, de corrupção e de transacções blatísticas conduzia a sociedade soviética a um esquema de desigualdade próximo do dos países de terceiro mundo.

com que se confronta, tendo imediata percepção de qual a melhor via de actuação e qual a estratégia mais indicada para fazer avançar a sua situação. Embora o especialista em *blat* não tenha de ser um cínico empedernido, não deixa de ser verdade que uma distância relativamente às convicções é necessária para que alguém possa ser um verdadeiro dominador das técnicas de *blat*.

Não deixa de ser curioso que os maiores especialistas em *blat* sejam as mulheres (relativamente ao género), a classe média (em termos de estratificação social) e os trabalhadores de serviços (no que respeita ao campo profissional). Todos os que se situam entre dois mundos parecem ter melhores condições para desenvolver actividades *blatísticas*. As mulheres, ao assegurarem o contacto entre o espaço doméstico e o espaço profissional têm uma posição privilegiada (posição que se reforça quando o divórcio ou o estatuto de mães solteiras as obriga a procurar activamente os recursos que preencham as suas necessidades) nos canais de *blat*, o mesmo se passando com a classe média que tem na sua facilidade de contactos com as classes superior e inferior os seus activos mais significativos. Quanto às profissões na área dos serviços, elas são por inerência actividades de ligação e de entreposto, factor que as torna propícias para o desenvolvimento das trocas de favor *blatista*. Os decisores e os responsáveis pela alocação de recursos são sempre actores com funções críticas no circuito do *blat*. A sua centralidade na obtenção de bens e serviços faz deles actores procurados por todos aqueles que pretendem obter algumas amenidades. Do mesmo modo, todos os que controlam o contacto com estes actores privilegiados ou que produzem uma triagem no acesso aos mesmos têm também uma posição marcante nas cadeias de *blat*. O conhecido do conhecido ou o amigo do amigo podem operar milagres neste contexto de relacionamento social.

Frequentemente o *blat* cruza-se com um rígido sistema de estratificação que concede direitos especiais a actores sociais que ocupam posições de destaque. Em certos casos, constitui-se mesmo uma curiosa estratificação social que não é assegurada pelo que se tem, mas por quem se serve. Ledeneva (1998: 100) cita o caso de alguns médicos que trabalham numa cidade siberiana dedicada à investigação científica, onde a importância e a reputação do médico não é assegurada pela sua competência técnica, mas pela gama de pacientes que serve. Cada médico especializa-se mais em doentes do que em patologias. Um médico prestigiado serve os investigadores proeminentes, um médico de valor intermédio serve doutores em início de carreira e os menos prestigiados servem os assistentes. Não será preciso muito esforço para perceber que a especialização resulta de conhecimentos e de mobilizações de influências.

O *blat* envolve um tacto social que se exprime por se pedir à pessoa certa, no momento exacto, a coisa indicada, sob as condições requeridas e mobilizando os recursos adequados. A escolha do *blatmeister* a quem se recorre deve levar em linha de conta não só a sua centralidade numa rede social e o seu potencial de obter o bem pretendido como deve também considerar o estado e a qualidade da

relação que com ele se mantém, o equilíbrio entre favores prestados e favores recebidos.

O *blat* possui regras precisas para a obtenção dos bens ou dos serviços pretendidos. A actuação dos *blatistas* obedece a um hábil cruzamento entre verdade e mentira, entre estratégia racional e cumprimento das normas. A subversão da burocracia estatal passa frequentemente pela capacidade de mobilização das instâncias locais de regulação e por arranjar conhecimentos junto daqueles que têm responsabilidade ou capacidade de decidir em canais de distribuição. Uma história bem contada pode ser um artifício ganhador. A obtenção do bem ambicionado associa-se não só aos dotes de contador de histórias de quem pede, mas também à credibilidade dos argumentos usados e à relevância do interessado nos canais de *blat*. A presença tutelar do Estado não é suficiente para eliminar estas práticas que as organizações locais tendem a perpetuar e que, no limite, são funcionais para o sistema, na medida que evitam a generalização de situações de penúria e de escassez.

O *blatmeister* tem perfeita consciência que num sistema que se caracteriza pela arbitrariedade e pela discricionariedade, ninguém é suficientemente forte para poder contar apenas consigo. Deste modo, todos procuram quem os apoie em determinadas situações da vida. Estando a vida social inteiramente dominada por múltiplas agências da burocracia estatal, o alargamento das cadeias de reciprocidade constitui um activo inestimável de resistência aos avanços do Estado e de actuação prospectiva na busca de bens e de serviços que permitam melhorar a posição social de que se desfruta. Estes dados são tão mais importantes para explicar o carácter endémico do *blat* na União Soviética quanto é facto que a Rússia czarista apresentava, a este nível, múltiplos pontos de contacto com a dominação soviética.

No *blat*, aquele que se encontra em situação de auferir de benefícios em larga escala, pensa duas vezes e, temendo ser votado ao ostracismo, opta por declinar parte significativa das ofertas que lhe são propostas. Simultaneamente, aqueles que têm possibilidade de oferecer em larga-escala terão tendência a restringir as suas ofertas e não as canalizar para quem apresenta já níveis elevados de riqueza. Existe no *blat* uma norma implícita de contenção e de parcimónia. Os actores sociais envolvidos na prática têm perfeita consciência que devem limitar as suas aspirações e os seus desejos, mesmo quando parecem ter acesso a tudo o que ambicionam. Esta norma de contenção impede os efeitos de escalada que destruiriam o *blat*, da mesma forma que não permitem que este sistema de favores escape para o mundo do roubo ou do suborno.

Nas cadeias de *blat*, as trocas directas são raras e predominam as trocas mediadas. No sistema de mediação inerente ao *blat*, a confiança é depositada no amigo que contacta o mediador e não no mediador em si mesmo. Existe uma confiança indirecta com a garantia que é prestada por quem não deseja perder a face. Daqui resulta que a triangulação relacional seja nuclear e que o papel mais importante seja desempenhado por árbitros e corretores relacionais que facilitam

ou ajudam a constituir relações, pondo em contacto directo actores sociais que se desconheciam ou permitindo trocas entre desconhecidos. Quem pede, não pede para si, mas para alguém que lhe pediu. Por sua vez, quem paga o favor, fá-lo a quem nada pediu, mas que por sua vez pagará a um outro que nada sabe do pedido original. No limite, todos têm a possibilidade de saldar as suas dívidas num processo em que serviço prestado e pagamento atribuído se processam em níveis diferenciados, mas complementares e obedecendo à regra social do diferimento. O hiato da reciprocação assegura que esta construção social não desabe em jogos de competição puramente *potlatchianos*.

Tal como em todas as manifestações de reciprocidade, o hiato entre favor e contra favor no *blat* é uma forma de ocultação e camuflagem da profunda obrigação social de pagar a dívida. O hiato proporciona a cada actor social uma aparente fuga à necessidade de retribuir, precisamente pelo facto de não estabelecer um prazo fixo de pagamento. O carácter difuso do tempo da reciprocidade é um elemento que possibilita diferentes formas de embelezamento e de refinamento social. A arte das relações sociais nasce desta barreira à retribuição com prazo fixo e da estrita interdição da devolução imediata. A dimensão civilizacional da reciprocidade fica patente neste jogo entre obrigação e liberdade, conferindo espaço a cada actor social para desenvolver estratégias pessoais de pagar, não pagando ou de não pagar, pagando. Jogando com o tempo, os actores sociais podem retribuir uma dádiva que originalmente havia sido pensada como sendo pura e desinteressada, de uma forma que prefigura uma dádiva original ou uma comemoração de um evento inteiramente novo.

Enquanto instrumento privilegiado de construção de redes sociais de amizade e de conhecimento, o *blat* fomenta relações sociais duradouras, de dívida permanente, dominadas pela memória das transacções passadas e caracterizadas por um hiato entre favor prestado e favor retribuído. Com esta apresentação, resulta fácil perceber que o *blat* mais não é do que um caso particular de relações de reciprocidade onde o dom ou a retaliação são substituídos pela lógica dos favores e dos contra favores. O *blat* é uma manifestação de reciprocidade que se pode desenvolver entre pares (gerando um sistema de troca complementar) ou entre actores assimetricamente colocados na pirâmide social (criando lealdades e dependências semelhantes a um sistema paternalista). Dois elementos característicos dos fenómenos de reciprocidade ilustram, pois, a prática de *blat* nestas redes de relação: a suspensão da reciprocação e a triangulação dos favores. No que respeita à suspensão da retribuição, ela é activamente procurada pelos *blatistas* como forma de realçar e reforçar os laços sociais que estabeleceram e de adensar a intensidade emocional das trocas.<sup>10</sup> Como nos diz Ledeneva (1998: 163), existem

---

<sup>10</sup> A suspensão da retribuição é um extraordinário acelerador emocional, um intensificador das paixões e uma fonte de refinamento social. Esta é uma dimensão que caracteriza tanto as reciprocidades de dom como as reciprocidades de retaliação. É aliás extremamente interessante

peças que tentam liquidar imediatamente as suas obrigações, mas isto não é apreciado numa relação de *blat*. Mesmo os “corretores” sociais que constroem e constituem as redes de favores evitam receber de imediato, preferindo mobilizar recursos e capitalizar dívidas sociais que poderão ser lembradas em momentos oportunos. A regra de ouro permanece: não esquecer, não perdoar e alternar permanentemente entre dar e receber.

O descentrar do tempo presente cruzado com uma ética de indiferença temporal à ajuda cria um espírito de segurança para quem se envolve em actividades *blatísticas*. Mesmo que a recompensa não chegue hoje, ela chegará eventualmente. Colocando os ovos da ajuda em vários cestos, pode-se não conseguir as retribuições desejadas no momento mais esperado, mas quase de certeza que se garante que, em momentos de dificuldade, a ajuda chegará. Existe na prática de *blat* um certo sentido de gestão de *portfolio*, minimizando o risco pela multiplicação de activos de auxílio mútuo. Fechar as ajudas e limitar o auxílio pode garantir um ganho acrescido, mas aumenta também a vulnerabilidade e a exposição ao risco. A memória em cadeias de reciprocidade é sobretudo a gratidão, ou seja, aquilo a que Simmel apropriadamente chamava a memória moral da humanidade. Só que, ao contrário de Simmel, não poderemos ignorar que, para lá da gratidão, também o ressentimento ocupa um espaço importante na determinação dos ciclos de memória da reciprocidade. A presença dupla do ressentimento e da gratidão assegura que o esquecimento não se instale e que as dívidas originem pagamentos que engendram dívidas, num sistema que funciona com base em circuitos de realimentação sucessiva.

### **A Economia de Transição e o Declínio do Blat**

A perda de importância do *blat* na sociedade pós-soviética mais não reflecte do que o desaparecimento das condições sociais que haviam favorecido o seu surgimento. O fim do regime do racionamento e das bichas, a generalização da economia monetária e a possibilidade de obter um bem por meio de aquisição directa contribuíram para que o *blat* passasse de instituição central a modelo periférico de estruturação da economia russa. Com um condicionalismo social desfavorável, o *blat* acabou por ceder o passo a instrumentos extra-legais mais consentâneos com práticas mediadas pelo dinheiro ou pela exploração de posicionamentos favoráveis. A monetarização torna incertas as relações interpessoais, mina as bases do *blat* e encaminha as relações informais de reciprocidade do

---

verificar até que ponto a “alma russa” se centrou neste aspecto da criação do hiato nas cadeias de reciprocidade. Se o *blat* é uma manifestação evidente do papel da suspensão da reciprocidade no campo dos dons e contra dons, a novela de Pushkin (1983): “o Tiro” é uma das mais espantosas ilustrações da gama de experiências emocionais que caminha associada à suspensão do direito retaliatório numa teia relacional duélfica.

campo da troca de favores para o terreno do suborno e da corrupção. Lovell (2000: 157-158) apoiado numa leitura da obra de Bulgakov “Margarida e o Mestre” demonstra, aliás, que a reciprocidade e as trocas de favores com funcionários do estado só funcionam de forma invisível e eficiente em ambientes estáveis. Quando a incerteza reina, as trocas produzidas são arriscadas para qualquer um dos intervenientes.

A relação social declina em face da corrupção activa e do suborno endémico. O *blat* necessitava de um regime de carência para sobreviver, da mesma forma que exigia a presença de actores sociais com competências únicas ao nível da mobilização de recursos e de contactos no quadro de redes sociais. Mesmo não desaparecendo totalmente, o *blat* evolui para modelos muito próximos de actividades criminosas e ilegais. É notável que a abundância traga consigo a substituição de um sistema que vive do contornar da lei, sem a abusar excessivamente, e imponha um regime de ilegalidade. Por outro lado, se o *blat* conduzia directamente a transacções de favores que alimentavam o vínculo social e fortaleciam as redes informais de ajuda mútua, os subornos e a corrupção que se estabelecem no seu lugar são assumidamente associas e centrados na promoção do bem-estar daqueles que os desenvolvem. Ao *blat* como resposta comunal às dificuldades criadas por um sistema tido como injusto, e que deve ser vencido, opõe-se agora um regime de transacção em que se procura viver com base no sistema, mas à custa de outros que serão explorados e prejudicados pela acção corruptora ou pelo exercício do suborno. O *blat* não se faz contra ninguém, mas a corrupção tem um potencial de desmoralização que assola a sociedade de alto a baixo e que só produz efeitos positivos na economia doméstica de muito poucos.

O *blat* pode visar o avanço da posição individual de cada um, mas de um ponto de vista mais social do que económico; a corrupção generalizada reduz todos os ganhos à dimensão monetária e à multiplicação das possibilidades de aquisição. A monetarização transporta consigo a liberdade, mas também tende a despersonalizar a troca e a objectivar as relações sociais. Se no regime soviético existia uma escassez de bens e serviços que proporcionava as oportunidades blatísticas, a economia de transição apresenta uma abundância de bens e serviços e uma escassez monetária. Num quadro social deste tipo, a informalidade na obtenção de bens é substituída por uma compra de pessoas e dos seus serviços, por intermédio do dinheiro de que se dispõe. A economia simbólica do *blat* converte-se na economia formal do dinheiro da corrupção. Por outro lado, a força do *blat* derivava do acesso privilegiado que determinados actores sociais tinham relativamente a bens estatais. A intermediação e a mediação no processo de circulação desses bens equivaliam à multiplicação de hipóteses de transaccionar bens e serviços. A privatização torna imediato o que era mediatizado e rouba quaisquer hipóteses de produzir circulação em torno de bens escassos. Assim sendo, o *blat* é uma hipótese relacional aberta apenas em casos em que o suborno é impossível ou desajustado, afirmando-se como último recurso para obter um determinado bem ou um serviço fulcral.

O *blat* permitia responder a um quilo de bife do melhor com um bilhete para um bom lugar no Bolshoi. As redes informais *blatísticas* serviam para reforçar os laços sociais e para confirmar ligações. Os vínculos na sociedade pós-soviética visam apoio para investimentos e procuram fazer avançar projectos individuais. Se o *blat* era, no limite, funcional para a sociedade soviética, operando como válvula de escape que retirava pressão às exigências do sistema, a queda dos valores tradicionais, o fim do regime da escassez e a monetarização económica acabaram por transformar as práticas numa constelação que destrói a sociedade a partir do seu interior. O ciclo virtuoso do *blat* em que favores alimentavam favores que engendraram uma economia de cooperação e ajuda mútua desapareceu e, no seu lugar, estabeleceu-se um ciclo vicioso de corrupção. A criação de uma economia monetarizada e o desenvolvimento de uma estratificação social essencialmente baseada em factores económicos e não em posições partidárias tem o condão de destruir parcialmente o *blat* e de reservar a sua prática para relações entre pares no topo da hierarquia social (com trocas de favores recíprocos) e para relações entre pares na base da hierarquia com esforços desesperados para desenvolver estratégias informais de sobrevivência. Tudo o que regula as relações entre desiguais tende a abandonar o terreno do *blat* para se constituir em formas de corrupção, suborno e nepotismo.<sup>11</sup>

O poder da posição social e o *blat* forneceram os mecanismos sociais de ascensão da primeira vaga de empresários russos na fase da transição para a economia de mercado. O *blat* possibilitou a entrada de muitos empresários no mundo dos negócios, sendo a sua posição posteriormente reforçada pelo exercício puro e duro das regras de mercado (expulsando os mais fracos e colocando fortes barreiras à entrada de novos agentes) ou pela activação das cadeias de *blat*, colocadas ao serviço dos ganhos pessoais ou do desenvolvimento das oportunidades de investimento. Galeotti (2000: 270-271, 280) salienta até que ponto os *aparatchiki* do PCUS usaram os seus recursos e redes sociais para transformarem a sua influência política em poder económico. Este clima generaliza uma sensação de desconfiança nas instituições e reforça a ideia de que não se pode esperar nenhum contributo positivo de ninguém.

O declínio do mundo do *blat* significa também o desincrustamento das actividades de negócio do círculo das amizades. Se na era soviética, a amizade e o conhecimento eram fonte de trocas de índole económica e constituíam um factor de resolução de carências e de mitigação das dificuldades, os avanços da economia mercantil separam as águas, considerando-se que não pode haver misturas entre as duas esferas. Imiscuir a amizade nos negócios torna-se numa forma de estragar a amizade e de não desenvolver os melhores negócios. Tradicionalmente, os amigos impõem-se aos negócios; agora, os negócios sobrepõem-se à amizade. As relações

---

<sup>11</sup> Para uma discussão das reacções à corrupção e ao *blat* na Rússia contemporânea, veja-se Spiridonov (2000: 244-248).

tornam-se amargas, o ressentimento instala-se. O bom relacionamento da escassez torna-se na amargura da disponibilidade assimetricamente distribuída. As desigualdades são tanto mais ressentidas quanto forem consequência de pontos de partida semelhantes.

### Conclusão

O *blat* é uma expressão de reciprocidade que se desenvolve em contextos de incerteza, de escassez e de racionamento como forma de obtenção dos bens necessários à sobrevivência e como forma de conquistar *status*. O *blat* é produto e produtor de redes informais de entreajuda e troca de favores, fornecendo, graças à activação dos laços sociais, os bens e serviços que não podem ser obtidos por vias formais. Na medida em que providencia o que é escasso, esta forma de reciprocidade estabiliza as relações sociais assimétricas e constitui uma válvula de escape que atenua a contestação, mitiga a revolta e perpetua uma ordem social e política que não é reconhecida como justa.

O *blat* é uma expressão de reciprocidade que releva do mundo das relações tácitas e que se desenvolve graças a regras de *savoir-faire* e de etiqueta que estabelecem, a cada momento, o comportamento apropriado. O *blat* define um regime misto de transacção que oscila entre o dom e o mercado e entre o alienável e o inalienável. Os intangíveis que determinam as modalidades de troca são a reputação dos actores sociais e as relações de confiança durável que se estabelecem entre eles. O *blat* produz um sistema assimétrico de valorização de bens e serviços que é a chave da própria transacção. Em sistemas não monetarizados ou com sistemas de equivalência problemáticos, é a valorização relacional assimétrica que permite a realização de uma troca, independentemente da avaliação de justiça da mesma que possa ser produzida por um espectador imparcial ou por um juiz independente.

Uma economia de excedente tende a moldar uma reciprocidade de competição agonística e de rivalidade mimética entre pares. Uma economia de carência e de pauperismo tende ou a alimentar uma reciprocidade paternalista de troca assimétrica de favores entre actores sociais desigualmente posicionados na pirâmide social, ou a desenvolver uma rede social de ajuda mútua entre actores sociais igualmente desprovidos de recursos, ainda que em áreas diferenciadas. Qualquer reciprocidade de pares, quer na economia de excedentes, quer na economia de escassez, é marcadamente menos sofisticada na sua dinâmica de protecção ideológica do que a reciprocidade assimétrica, uma vez que a primeira se auto legitima e a segunda necessita de instâncias mais trabalhadas de legitimação e de aceitação social.

O *blat* é um modelo de reciprocidade que alinha interesses divergentes, através da circulação de favores e da mobilização do capital social de cada actor, como forma de combater um mundo desencantado e burocratizado. A reciprocidade *blatística* corresponde a um toque mágico de reencantamento do mundo,

providenciando um toque humano que substitui a despersonalização da economia formal. A justeza da prática colide, no entanto, com uma moral profunda que a condena, elemento que conduz os actores sociais para formas sofisticadas de racionalização, negando a sua participação do mundo *blatístico*, ainda que reconhecendo-a nos outros.

O *blat* diz respeito a uma forma de reciprocidade baseada em trocas de favores no seio de redes sociais cujos activos mais decisivos são os conhecimentos, as ligações e a informação. As redes providenciam os bens necessários, fazendo-os circular entre os seus membros, gerando relações sociais de dependência, deferência e lealdade e sistema de dívidas não anuláveis e que são habilmente perpetuados por uma gestão criteriosa dos hiatos de reciprocidade. O *blat* é uma forma social de protecção em face de um Estado que é tido como excessivamente regulamentador e controlador, reduzindo o risco e a incerteza percebidos pelos actores sociais.

O *blat* é uma forma extra-legal de regulação da actividade económica que se apoia em regras éticas, opondo-se, através de formas de resistência activa a um Estado cuja prática social inverte os pressupostos ideológicos. O *blat* distingue-se de modelos criminosos de regulação por se concentrar no longo-prazo (e não no imediato); na relação (e não no indivíduo); na necessidade e no dom (e não no lucro); numa fluidez valorativa (e não na imposição da contrapartida).

A reciprocidade de *blat* desenvolve uma dupla moralidade que se caracteriza pelo choque entre a funcionalidade social das actividades que promove e a condenação moral induzida pelos seus efeitos sociais. A ajuda e a solidariedade que desenvolve localmente são o contraponto do roubo a uma entidade abstracta e exterior que se pretende enganar. A reciprocidade necessita de inimigos externos e de amigos internos. Aos inimigos paga-se com o engano; aos amigos paga-se com uma ajuda que é submetida a uma norma social de *noblesse oblige*. Os mecanismos sociais sujeitos a uma dupla moralidade (de condenação pública e de aprovação particular) tendem a dar origem a actividades de etiqueta e refinamento social que escondem as práticas sociais subjacentes, intensificando a sua expressão. Estas práticas encontram no acto censório a causa da intensificação, refinamento e qualificação das actividades que promovem. O adensar relacional, os mecanismos de distinção social e a compita pelo *status* são as consequências previsíveis da presença de uma lógica social deste tipo.

O *blatmeister* é um marginal secante que obtém poder relacional, na estrita medida em que actua como corretor e árbitro das relações sociais que possibilita. Negociando em intangíveis como a confiança, ele conquista uma área de intervenção que lhe permite obter *status* e constituir-se como nódulo decisivo numa rede social. A reciprocidade de *blat* caracteriza-se por uma ajuda prestada, por quem tem mais poder, mesmo que tal implique um abdicar de ganhos importantes. A norma de contenção e de parcimónia que acompanha as manifestações *blatísticas* prende-se com um jogo de expectativas que conduz o *blatmeister* a imaginar o que lhe poderia suceder, em caso de dar em excesso ou de nada dar.

Neste contexto, a parcimónia e a contenção operam como dissuasores da escalada paroxísmica que tenderia a destruir o mundo do *blat*. Sendo o *blatmeister* um corretor social, a dinâmica de reciprocidade que ele ajuda a criar é triangular e indirecta, o que reforça a sua robustez, a sua generalização e a geração de hiatos de reciprocidade.

A reciprocidade de *blat* é uma forma civilizacional de ocultação e camuflagem da obrigação de retribuir, não especificando nem os montantes, nem os valores, nem as temporalidades de resposta. A reciprocidade, obedecendo a um tempo difuso, recusa o imediatismo do pagamento, obriga a uma suspensão ou hiato do dever, mas nunca o anula. A definição de um hiato de resposta e a não concretização temporal ou valorativa do contra-dom, estabelece um quadro de dívida social em aberto e corresponde a uma estratégia social de minimização do risco.

A reciprocidade de *blat* dependia de um sistema político fechado, da escassez monetária e de um regime de racionamento e de bichas. A transição para uma economia de mercado substituiu os arranjos informais por formalizações; as mediações por imediatismos e o simbólico pelo formal. Neste contexto, a monetarização traduz-se num passo suplementar em direcção ao desincrustamento do económico relativamente ao moral.

### Bibliografia

- ABRUZZI, Adam (1959), "Rational Systems and Logics of Action: The Factory Situation", *Management Science* 5:4, pp. 369-386.
- BAUER, Raymond A., Alex INKELES, Clyde KLUCKHOHN (1956), *How the Soviet System Works: Cultural, Psychological and Social Themes*, Cambridge, Harvard University Press.
- BLIM, Michael (2000), "Capitalisms in Late Modernity", *Annual Review of Anthropology*, 29, pp. 25-38.
- BOURDIEU, Pierre (1998), *Le Sens Pratique*, Paris, Minuit.
- CROZIER, Michel e Erhard FRIEDBERG (1977), *L'Acteur et le Système*, Paris, Seuil.
- DAVYDOVA, Irina (2000), "Bureaucracy on Trial: A Malaise in Official Life as Represented in Nineteenth-Century Russian Thought", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 95-113.
- DIFRANCEISCO, Wayne e Zvi GITELMAN (1984), "Soviet Political Culture and "Covert Participation" in Policy Implementation", *The American Political Science Review*, 78:3, pp. 603-621.
- DUNN, J.A. (2000), "Bribery as Reflected in the Russian Language", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp.206-215.
- DYKER, David A. (1970), "Industrial Location in the Tadzhik Republic", *Soviet Studies*, 21:4, pp. 485-506.
- EISENSTADT, S. N. e Louis RONIGER (1984), *Patrons, Clients and Friends: Interpersonal Relations and the Structure of Trust in Society*, Cambridge, Cambridge University Press.
- ELIAS, Norbert (1989), *O Processo Civilizacional*, 2 vols. Lisboa, Dom Quixote.
- FITZPATRICK, Sheila (2000), "Blat in Stalin's Time", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 166-182.

- FITZPATRICK, Sheila (2002), "The World of Ostap Bender: Soviet Confidence Men in the Stalin Period", *Slavic Review*, 61:3, pp. 535-557.
- GALEOTTI, Mark (2000) "Who's the Boss: Us or the Law? The Corrupt Art of Governing Russia" in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 270-287.
- GAMBETTA, Diego (1989), "Mafia: I Costi della Sfiducia" in Diego Gambetta (ed.), *Le Strategie della Fiducia: Indagini sulla Razionalità della Cooperazione*, Turim, Einaudi, pp. 203-226.
- GAMBETTA, Diego (1992), *La Mafia Siciliana: Un'Industria della Protezione Privata*, Turim, Einaudi.
- GERSCHENKRON, Alexander (1960), "Reflections on Soviet Novels", *World Politics*, 12:2, pp. 165-185.
- GREGORY, C.A. (1982), *Gifts and Commodities*, Londres/Nova Iorque, Academic Press.
- GREGORY, C.A. (1997), *Savage Money: The Anthropology and Politics of Commodity Exchange*, Amsterdão, Harwood Academic Publishers.
- HUMPHREY, Caroline (2000), "Rethinking Bribery in Contemporary Russia", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 216-241.
- JOWITZ, Ken (1983), "Soviet Neotraditionalism: The Political Corruption of a Leninist Regime", *Soviet Studies*, 35:3, pp. 275-297.
- KELLY, Catriona (2000), "Self-Interested Giving: Bribery and Etiquette in Late Imperial Russia", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 65-94.
- LEDENEVA, Alena V. (1998), *Russia's Economy of Favours: Blat, Networking and Informal Exchange*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LEDENEVA, Alena V. (2000), "Continuity and Change of Blat Practices in Soviet and Post-Soviet Russia", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 183-205.
- LEDENEVA, Alena, Stephen LOVELL e Andrei ROGACHEVSKII (2000), "Introduction", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 1-19.
- LOMNITZ, Larissa Adler (1988), "Informal Exchange Networks in Formal Systems: A Theoretical Model", *American Anthropologist*, 90:1, pp. 42-55.
- NEILSON, William S. (1999), "The Economics of Favours", *Journal of Economic Behavior & Organization*, 39: pp. 387-397.
- NOVE, Alec (1983), "The Class Nature of the Soviet Union Revisited", *Soviet Studies* 35: 3, pp. 298-312.
- PUSHKIN, Alexander (1983), *The Tales of Belkin*, Londres, Angel Classics.
- REISMAN, W. M. (1979), *Folded Lies: Bribery, Crusades and Reforms*, Nova Iorque, Free Press.
- ROGACHEVSKII, Andrei (2000), "The Representation of Bribery in Nineteenth-Century Russian Literature", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 114-140.
- SANJIAN, Andrea Stevenson (1986), "Constraints on Modernization: The Case of Administrative Theory in the U. S. S. R.", *Comparative Politics*, 18:2, pp. 193-210.
- SCHEIN, Edgar (1985), *Organizational Culture and Leadership*, São Francisco, Jossey-Bass.
- SCHWARTZ, Charles A. (1979), "Corruption and Political Development in the U. S. S. R.", *Comparative Politics*, 11:4, pp. 425-443.
- SPIRIDONOV, Vladimir (2000), "Attitudes to Bribery and Blat in Contemporary Russian Society: The Psychologist's View", in Stephen Lovell, Alena Ledeneva e Andrei Rogachevskii (eds.), *Bribery and Blat in Russia: Negotiating Reciprocity from the Middle Ages to the 1990s*, Londres, MacMillan, pp. 242-249.
- TOSI, Renzo (1996), *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, São Paulo, Martins Fontes.
- WEDEL, Janine R. (1986) *The Private Poland: An Anthropologist's Look at Everyday Life*, Nova Iorque, Facts on File.

## Reciprocidade e Confiança em Contextos de Escassez: O Caso do Blat

YANG, Mayfair Mei-Hui (1994), *Gifts, Favors and Banquets: The Art of Social Relationships in China*, Ithaca, Cornell University Press.

### **Réciprocité et confiance en contextes de pénurie: voies le cas du *blat***

#### **Résumé**

Les mécanismes sociaux associés au capital social et à la confiance ont mérité une attention croissante de la part de la Sociologie Économique. Le *blat* russe est étudié ici comme une relation concernant l'échange de faveurs et de biens que s'installe dans des économies à faible ou nulle monétarisation. Le *blat* est une forme impure de transaction situé entre le don et l'échange; entre l'aliénabilité totale et inaliénabilité absolue; entre la réciprocité de la mémoire et le marché et entre la reproduction sociale et la reproduction des choses. L'accès privilégié aux biens et aux services est la ressource fondamentale de la chaîne du *blat*. Le *blat* ne concerne pas seulement les relations entre pairs d'individus, il se prolonge à la constitution de réseaux et de chaînes circulaires d'échange encadrés dans une économie de pénurie et rationnement.

### **Reciprocity and trust in scarcity contexts: the case of *blat***

#### **Abstract**

Social mechanisms linked to trust and social capital are in the spot light of Economic Sociology. The Russian *blat* is introduced in this text as personal relationship involving both favour and goods exchanges submitted to the framework of an economy scarcely monetarized. *Blat* is an impure transaction situated between gifts and mercantile exchanges; between total alienability and absolute inalienability; between memorial reciprocity and market; and between social reproduction and the reproduction of things. Chains of *blat* are dominated by the privileged access to commodities and services and prosper at the expense of state institutions. *Blat* is not confined to social dyads, but contributes to the constitution of social networks and circular chains embedded in an economy of scarcity and rationing.